

**Ecossistemas emergentes do Cerrado brasileiro:  
Notas sobre a Colonização Cultural e o Pensamento Folkcomunicação do/no interior  
de Mato Grosso, Brasil**

Lawrenberg Advíncula da Silva<sup>1</sup>  
Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat, Mato Grosso, Brasil

**Resumo**

Ao refletir sobre a relação entre a condição dialética da colonização cultural no estado de Mato Grosso (Centro-Oeste brasileiro) e o perfil do imaginário (folk)comunicação do campus universitário da pequena cidade de Alto Araguaia (pensamento folkcomunicação unematiano), o presente texto tem como proposta desenvolver um balanço parcial acerca da experiência pedagógica em formação de Jornalismo em sua interface com questões prementes dos estudos da Antropologia brasileira (Alfredo Bosi) e da Folkcomunicação, no viés das Ciências Humanas. Busca-se, em certa medida, revelar as hibridações do que afirma e reafirma a produção bibliográfica em comunicação popular em contextos semirrurais de urbanização: como forma de resistência e ascensão emergente, no que tange as condições históricas de institucionalização do conhecimento científico no Brasil no século XX. A pesquisa e o texto irão integrar o livro **Cenários Comunicacionais**, a ser publicado pela editora Media XXI e vinculado ao projeto de extensão da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade – RCCS, do curso de Jornalismo da Unemat.

**Palavras-chave:** Folkcomunicação; dialética da colonização; pensamento folkcomunicação unematiano.

**Palavras iniciais: Colonização em Mato Grosso e algumas dialéticas culturais**

Embora bastante citada nos livros didáticos de História do Brasil, a palavra colonização ainda carrega dentro de si versões difusas. Sobre isso, convém recordar uma observação pontual do poeta Ferreira Gullar (in memoriam – 2016), no prefácio do livro *Dialética da Colonização*, de Alfredo Bosi (1992, p.6), quando acentua que as palavras cultura, culto e colonização derivam do mesmo verbo latino “colo”, cujo particípio passado é cultus e o particípio futuro é culturus. Esta ligação etimológica eleva o sentido da palavra

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do curso de Jornalismo, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Unemat. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Coordenador, Editor e Conselheiro Científico da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade, vinculada ao Centro de Pesquisa de Alto Araguaia – CEPAIA e ao grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Sociedade (registrado na plataforma CNPq). Coordenador do Projeto Formação Profissional em Jornalismo em Mato Grosso – FPJMT. Secretário de Comunicação do CEPAIA e da subseção da Associação dos servidores Docentes da Unemat (ADUNEMAT). Extensionista dos projetos Artset de Cinema e Jornal laboratório Pé no Chão. Colaborador do Observatório da Ética Jornalística em Mato Grosso (Objor-MT) e do site DivisaNews ([www.divisanews.com.br](http://www.divisanews.com.br)). Editor-chefe da revista customizada Nômades do Araguaia. Coautor do livro “40 anos dos Niedermeyer em Alto Araguaia-MT”, editora Gráfica Print (2016). Membro da rede Folkcom de pesquisa e sócio da Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). É conferencista internacional na área de Comunicação, Cidade e Fotografia Artística, com diversos prêmios regionais e nacionais em Produção transdisciplinar em Comunicação.

colonização para além de uma mera corrente migratória, uma vez que a associa, de forma orgânica, inclusive, a algo tão universal e comum nas sociedades humanas como a cultura. Nesta mesma obra de Bosi, outro ponto merece uma atentada reflexão. E talvez, em minha opinião, seja o mais crucial. Trata-se de uma clara distinção acerca de colonização, no tocante à sua concepção: 1) enquanto satisfação das necessidades materiais do presente (colo: eu cultivo, eu trabalho), e 2) enquanto transplante de um passado prenhe de imagens, símbolos e ritos de caráter religioso (cultus: memória dos antepassados) (BOSI, 1992, p.171); na qual, no fundo, revela um complexo jogo de forças entre identidades hegemônicas e alteridades subalternas, na medida em que as práticas econômicas e todo arcabouço simbólico (linguagem, modo de vida e de se vestir) de uns sobressaem, predominam, em detrimento da subsistência e submissão de outros.

Ciente disso, parece-me precípuo pinçar algumas notas históricas sobre alguns fatos marcantes dos processos de colonização e povoamento de Mato Grosso, a fim de identificarmos algumas dialéticas existentes, bem como seus reflexos, diretos ou indiretos, na cultura regional, local, à luz de autores dos Estudos da Cultura (...)

Antes de ser potência internacional no mercado agrícola, principalmente, por conta da alta exportação da soja e do milho em meados de 1990, Mato Grosso, do ponto de vista histórico, já foi território espanhol durante o período de vigência do Tratado de Tordesilhas<sup>1</sup> (1494-1777), numa divisão territorial criada pelos reis da Espanha e Portugal para exploração (dominação) das terras descobertas no continente americano. Depois, tornou-se uma das maiores províncias do período colonial luso-católico-e-escravagista, cuja capital havia sido a pequena cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade (1752-1835)<sup>2</sup>, de população afrodescendente predominante e próxima à fronteira entre o Brasil e a Bolívia; até se tornar o epicentro de uma desenfreada corrida por metais preciosos (ouro, diamantes), que resultou na migração de centenas e mais centenas de contingentes humanos, advindos de diversas regiões do Brasil e exterior. O auge das extrações auríferas na baixada cuiabana, em idos do século XVII, proporcionou, mais conseqüentemente, a criação de arraiais (pequenas comunidades) e vilas no território mato-grossense; enquanto, por outro lado, gerou também uma inevitável confluência de práticas e saberes nas relações sociais de exploração escrava, estabelecidas, direto e indiretamente, entre os imigrantes iniciais (colonos portugueses e bandeirantes paulistas) e as populações nativas da região – na época, então constituídas em sua maioria por indígenas dos grupos linguísticos: Tupi Guarani, Macro-Jê, Aruak e Caribe.

Deve-se frisar que deste povoamento inicial no estado, por sinal, pouco amistoso e essencialmente violento, além de atingido pela interferência natural do clima (tropical quente) e da vegetação dominante (o Cerrado) da região, não por acaso sugeriu um imaginário social esboçado mais enfaticamente a um *status quo* europeu de civilização, sobretudo em relação aos ritos festivos de origem cristão-ibérica, e mais consequentemente, nas maneiras de expressar, sentir e agir no cotidiano das novas gerações de mato-grossenses, então mais culturalmente cosmopolitas. Primeiramente por conta da difusão simbólica de elementos, discursos e toda uma narrativa de realidade sobressalente às demais, e cujas referências fundavam-se da ortodoxia católica lusitana e do sentido de meritocracia e virtude das monarquias absolutistas europeias. E, segundo, dado a dissolução e a fragmentação das culturas autóctones, através de um processo de transfiguração étnica, quando se pressupõe que, juntamente da catequização jesuítica e da escravidão via superexploração da mão-de-obra indígena e negra, decifra-se a instituição de um genocídio lento, mas não menos imperioso ao sofrido pelos povos astecas do México frente à caravana expedicionária do conquistador espanhol Hernán Cortes, no século XV. Portanto, uma situação hostil de convivência social, e, somente amenizada quase quatro séculos depois, com a instalação das linhas telegráficas no interior de Mato Grosso, no início do século XX, quando o Marechal Candido Rondon desbravou as matas virgens do estado, depois as integrando ao resto do país, a partir de mapeamentos do território e estabelecendo relações mais cordiais com os povos indígenas (MUSEU RONDON- UFMT, Cuiabá, 20/03/2016).

Do século XVII a XX, ou do período provincial ao de estado federado, constata-se, em certa medida, que a transmissão de informação predominante em Mato Grosso, bem como a ideia de memória social determinante, era mais oral do que realmente escrita, isto é, via boca a boca, prosa, canto, versejo. Assim como se sugere que esta transmissão oral perpetuar-se-ia enquanto meio inter-geracional mais eficiente, no que tange a transferência de valores morais e propriamente de conhecimento do mundo externo para o cotidiano local, de uma geração para outra, e considerando-se que, já em idos do século XVIII, a maioria da população brasileira e mato-grossense era analfabeta. O que, destarte, justificara o apreço histórico, senão inconsciente, do brasileiro em geral pela figura dos oradores como referência intelectual, ao invés dos eruditos clássicos. E exemplos não faltam! Desde Rui Barbosa, Joaquim Nabuco ao poeta Castro Alves, reconhecido por suas declamações contundente em prol das causas sociais libertárias nas praças públicas de Salvador, do século XIX. Afinal, estes homens conseguiam ser porta-vozes do povo, visto que detinham a habilidade de

traduzir mensagens, algumas oficialescas e academicistas, em tom popular e adequado à linguagem falada nas ruas por uma população de baixa senão nula formação educacional. Mas também exerciam uma liderança na comunidade do qual participavam, da mesma maneira que os poetas de cordel, os menestréis e os cantadores de feira, no Nordeste, e, alguns cantores de rasqueado e tocadores de viola de cocho, no interior de Mato Grosso.

No que diz respeito ao potencial intelectual destes artistas populares mencionados no parágrafo anterior, o italiano Antônio Gramsci (1968, p.7) afirma que todo trabalho humano, mesmo no mais mecânico e degradado, “existe um mínimo de atividade intelectual”. Uma perspectiva de intelectualismo que, segundo a antropóloga Luitgard Oliveira (apud MELO; FERNANDES, 2013, p. 29), faz-se notar nos artistas populares sob a denominação de intelectuais orgânicos das baixas camadas sociais do campo, pois: “representam, são suas vozes, impregnam-se de suas concepções de mundo, organizam-nos na instancia da superestrutura, conduzindo-os culturalmente através de sal prodigiosa intuição intelectual, nos caminhos de sua conscientização”. Assim, além de exercerem o papel de comunicadores carismáticos, assumem-se como formadores de opinião, problematizando questões do mundo ordinário por meio de uma linguagem simples, coloquial e acessível, em suas manifestações artísticas.

Entretanto, é, porventura, na obra *A invenção do cotidiano*, de Michel De Certeau (1994), que se encontra uma definição mais plausível acerca deste protagonismo popular, só que visto enquanto um espírito criativo e resistente. Numa interpretação das camadas iletradas da população brasileira, esta visão realça a capacidade delas de desenvolverem outras lógicas (astúcias) ao modo de produção racionalizada.

[...]A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1994, p. 39).

Em todos os casos há a reafirmação dos atores locais em seu movimento de resistência política aos desígnios externos, de maneira que, por exemplo, reconhecer o alto índice de subletramento de brasileiros e mato-grossenses mais enfaticamente da classe média baixa constitui também problematizar uma dada realidade social. Isto, se considerarmos uma

pesquisa do Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-2009), do qual aponta que um em cada cinco brasileiros que leem e escrevem simples, não sabem interpretar textos: denota o tipo de participação política de uma parcela considerada da juventude brasileira, enquanto fenômeno cultural em uma perspectiva comunicacional. Mas, por quê? A resposta é bem simples. Tudo se explica na facilidade com que informações sem fontes confiáveis, senão caluniosas, são viralizadas, assimiladas, digeridas como fatos incontestes e, no final, cristalizadas na forma de manifestações encolerizadas e no que muitos estudiosos têm classificado como um clima de Guerra Civil – inclusive, eu, nas minhas manifestações nas redes sociais –; provando, por sua vez, o que os frankfurtianos na década de 1970 já definiam como condição de barbárie provocada pela instrumentalização da razão, dado os efeitos socioculturais das culturas tecnoinformativas. Ou seja: a crítica histórica em relação à identidade nacional e regional hoje passa imprescindivelmente pelo entendimento das práticas relacionadas à midiaticização da cultura, e mais exatamente, nas imbricações entre a dinâmica do folclore e a(s) cultura(s) de massa – e pós-massiva.

Quando se diz folclore, vale lembrar uma definição do professor José Marques de Melo (2012, p.23), que lhe atribui o sentido de um fenômeno resultante da vivência cotidiana de seres humanos, cuja expressão se evidencia em “canais de comunicação informal, usualmente empregadas pelo povo”. Trata-se de uma definição ulterior à apresentada por Gramsci (1968), na sua obra *Literatura Nacional*, quando este o refere como “reflexo das condições de vida cultural do povo, ainda que certas concepções próprias do folclore prolonguem-se mesmo depois que as condições se modificaram (ou pareçam ter-se modificado ou deem lugar a combinações bizarras)” (IDEM, p.1984-185).

Indo mais além: não seria de estranhar a hipótese de que interpretar o folclore brasileiro e o mato-grossense, quer enquanto manifestação de agentes orais, quer enquanto paradoxo de legitimação de capital cultural ante subletramento de brasileiros, acabasse respondendo, em certa medida, pelo porquê do jornal impresso e a comunicação escrita no Brasil ter sua origem restrita a uma parcela ínfima da população, mais precisamente, à elite que saiba ler. Basta recorrermos à história da imprensa no período colonial, com a publicação do primeiro jornal brasileiro, a *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808), voltado para atender os interesses da Corte Real da família portuguesa. O que não é muito diferente do caráter elitista do *Themmis Matogrossense*, o primeiro jornal a ser editado em Mato Grosso, em 1839, cuja circulação reduzida se direcionava para as famílias luso-brasileiras e paulistas, fixadas em Cuiabá. Isto, pois, segundo a professora Sonia Zoramella (2004: p.2):

a comunicação por escritos, como cartas, relatórios oficiais e relatos diversos, era restrita à elite dirigente e letrada, e a transmissão das mensagens ocorria por meio de precários caminhos por terra interligados pela via fluvial, demorando meses, dependendo do destino das correspondências.

Interpretar as relações reificantes entre o folclore brasileiro e a sociedade atual, então enfaticamente comunicacional, passa, em linhas gerais, pela compreensão das maneiras com que a cultura midiática, por exemplo, da televisão e da internet se introduz, firma e, mais conseqüentemente, se modifica, em sua inter-relação com as manifestações culturais dos segmentos populares da população. Ao mesmo tempo, esta ponderação se explica na natureza simbólica das metamorfoses sofridas pela expressão artística, em seu lugar de subjetivação inicial, até a recepção final de sua versão midiaticizada.

Em Mato Grosso, o registro destas metamorfoses se insinua como uma cartografia folkcomunicacional intermitente e difusa. Intermitente porque, em certa medida, nem sempre as políticas culturais aplicadas ao incentivo de festas populares e de agentes artísticos da comunidade mostraram-se realmente efetivas para valorização das expressões culturais ribeirinhas. Enquanto difusa por que boa parte destes elementos que constituem o regionalismo cultural são apropriados e capitalizados por agentes nem sempre comprometidos com as camadas populares locais. Assim, transformando determinadas manifestações como a dança do cururu e siriri em verdadeiras alegorias, a partir de uma dinâmica de espetáculo na qual os interesses comerciais prevalecem diante dos culturais, sociais, subjetivos.

O que se nota é uma arena de forças desigual, onde artistas populares e produções locais tentam resistir não somente diante das expressões de uma cultura midiática, massificada e transnacional, mas no confronto direto com o próprio processo de midiaticização que as reafirmam e as tornam visíveis. Afinal, mais do que uma difusão e apropriação midiática pela televisão, pelo rádio e pelas mídias impressas e digitais, deve-se discutir qual o status que esta cultura popular adquire quando se, por exemplo: convertida em retórica de marketing do mercado, com vistas a conquistar novos nichos de públicos consumidores.

Um exemplo premente é o programa É Bem Mato Grosso, da TV Centro América (TVCA/Globo), caracterizado por uma forjada interlocução, ruidosa e muitas vezes burlesca. No programa, os apresentadores, os cantores de rasqueado Henrique, Pescuma e Claudinho, utilizam-se de idiossincrasias, expressões sociolinguísticas e atrações do mercado audiovisual

regional como um verdadeiro arsenal publicitário, a fim de fortalecer na audiência local a imagem da emissora, e de seus anunciantes, atrelada aos valores e hábitos da região.

Outro aspecto pode ser identificado na indústria musical regional. Nas rádios FM Gazeta e Band, as mais conhecidas do estado, o inevitável embate entre as frentes locais com as nacionais e estrangeiras se insinua de maneira assimétrica, de modo que nas playlist da programação local se destacam nomes de cantores nacionais e internacionais, em detrimento de uma presença cada vez mais tímida, senão “forçada”, das bandas de rasqueado e de lambadão poconeano. O que, por outro lado, restringe os espaços de audiência destes gêneros musicais a casas de shows, bares, galpões e clubes, espalhados, mais enfaticamente, nas regiões periféricas de Cuiabá e na circunvizinha Várzea Grande: na condição de resistência regional ante os fluxos culturais nacionais e transnacionais. Apenas para se ter ideia, entre os maiores expoentes da música popular matogrossense, um deles, Francisco Guia de Souza, o Chico Gil, reconhecido como o rei do Lambadão<sup>2</sup>, e a banda Estrela Dalva, que inclusive teve uma aparição no programa do Ratinho (SBT), as aparições na internet são poucas quando comparadas das duplas de sertanejo universitário da região. Atualmente os maiores símbolos de resistência desta música regional reside no trio Henrique, Pescuma e Claudinho, responsável pelo sucesso musical *É bem Mato Grosso*, cujas letras constituem um discurso ufanista à Mato Grosso.

### **Um olhar para o presente da teoria da folkcomunicação, segundo a experiência em Alto Araguaia**

Atualmente, Mato Grosso possui: taxa de urbanização em 81,80% (IBGE,2014), aproximadamente 3.071 indústrias, além de 49 instituições de ensino superior (IES). Números que sugerem uma modernização insinuante, mas, de modo geral, tímida quando comparada aos estados da região Sul e Sudeste. Ao mesmo, tais indicativos dimensionam o lugar-comum da cultura popular tradicional da região e da folkcomunicação em Mato Grosso.

É importante frisar que esta modernização recente está relacionada, grosso modo, a uma diáspora, sentido capital federal e Sudeste do Brasil, ocorrida mais recentemente por volta das décadas de 1970 e 1980, e composta mais enfaticamente por jovens da classe média

---

<sup>2</sup> Chico Gil acabou falecendo em 2000, num acidente de carro no km 20 da estrada estadual entre Cuiabá e Jangada (Jornal Diário de Cuiabá, edição 9679, 01/08/2000). O cantor havia deixado como sucesso as canções *Bola Dividida* e *Hei, Amigo!*, que traduziam a vida social simplória da população da classe média baixa do Sul do estado.

alta cuiabana. Esta, segundo um artigo que publiquei na revista internacional de Folkcomunicação (RIF), em coautoria com o professor Yuji Gushiken (2010, p.8), surge pela necessidade de uma formação universitária e tecnológica, uma vez que o ensino superior ainda era incipiente no estado. Mas, também, ao se considerar as levas de imigrantes recentes em Mato Grosso, logo se constatam uma condição multicultural afirmativa, a partir do forjamento de uma modernização socioeconômica via cultura universitária.

Em se tratando da teoria em folkcomunicação, deve-se considerar, primeiramente, que as suas matrizes teóricas surgem da tese de doutorado do jornalista Luiz Beltrão sobre o exvoto como veículo jornalístico, defendida no ano de 1965, evidenciando o poder de transmissão de mensagens pelo folclore, e, por tabela, insinua-se enquanto valorização do cotidiano, do anedótico, do supérfluo, então temas historicamente marginalizadas pelas correntes positivistas da Ciência Moderna. Na realidade brasileira e mato-grossense, esta teoria daria conta de responder – ou tentaria – a maneira como as populações consideradas incultas e rudes se informavam nas hinterlândias do país. Trata-se de uma revisão crítica do modelo funcionalista comunicacional Two-step-flow (fluxo em mão-dupla), do canadense Paul Lazarsfeld, do qual, na contramão da linearidade difusional da teoria da agulha hipodérmica dos primeiros estudos de Comunicação de Massa nos Estados Unidos, apontava a existência da figura do líder de opinião entre os emissores (a televisão, o rádio, a imprensa escrita, a publicidade) e receptores (a audiência), nos processos comunicativos, bem como, apresentava as manifestações folclóricas na condição de um canal de comunicação coletiva.

Não é somente pelos meios ortodoxos (a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema, a arte erudita e a ciência acadêmica) – que, em países como o nosso – de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e políticas, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural – não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião pública se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. (BELTRÃO, 2004, p.117)

Numa revisão de uma ponderação feita do legado beltraniano, em um texto publicado no livro *Comunicação e Regionalidades*, intitulado “Folkcomunicação e um balanço parcial dos seus estudos no campus universitário de Alto Araguaia”, no ano de 2013, reafirmaria que os estudos da folkcomunicação e da cultura popular tradicional nunca negaram suas influências com os *Cultural Studies* da Inglaterra, tampouco frente à perspectiva gramsciana acerca dos conceitos de hegemonia e dominação, já que sempre reconhecera, em seu amplo postulado, a capacidade política das camadas populares da população brasileira em resistir ao



mundo ordinário das sociedades industrializadas, acusando também, tal como Raymond Williams e Edward Thompson assim fizeram durante os tempos áureos da Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), da escola de Birmingham. A maioria deles concordava, em certa medida, de que havia a impossibilidade de se dissociar a cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social (SILVA apud SARDINHA; SILVA; MORALES: 2013: p.22). Isto porque, trazendo uma citação da extensão deste raciocínio no texto:

...é de se constatar que, no leme das manifestações populares, além de um ambiente onde encontrássemos cristalizadas as mais variadas linguagens pelos segmentos que não necessariamente dominam a linguagem verbal escrita, filhos de uma tradição oral, também se forjam e subsistem dinâmicas particulares de resistência cultural, entre elas, a imitação burlesca, a sátira, a paródia, que se reproduzem nos canais populares de informação à título de uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas e, principalmente, na forma de um conjunto de procedimentos de uma comunicação iminentemente alternativa.

Estas abordagens teóricas contribuem para demarcar, com maior consistência, as singularidades existentes em relação aos gêneros folkcomunicacionais, formatos e, mesmo, metodologias interdisciplinares, então resultantes das experiências de pesquisa no campus universitário da pequena cidade de Alto Araguaia. Da mesma forma, revela a nossa vocação inicial em desenvolver pesquisa empírica, caracterizada pela imersão a campo, a lida direta com as fontes investigadas, o contato físico, o corpo a corpo, o enfrentamento, a checagem in loco. Só que no nosso caso com um forte viés etnográfico, ao ter por norteamento os trabalhos do russo Bronislaw Malinowski nas famosas ilhas Trobiand. Num texto intitulado “Os argonautas do pacífico Ocidental”, Malinowski aponta três procedimentos necessários para uma boa imersão na realidade social de uma dada comunidade.

Os princípios do método podem ser agrupados em três itens principais: em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objectivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efectivamente entre os nativos, longe de outros homens brancos; finalmente, deve recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registando as suas provas. (MALINOWSKI, 1976: p.18)

Seguindo pontualmente estes critérios, começamos as primeiras incursões na realidade de Alto Araguaia e região no final de 2010, depois da participação na XI Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada na Universidade Estadual Santa Cruz (UESC), em Ilhéus na Bahia. Em certa medida, as problemáticas prescritas neste evento da rede Folkcom

aguçaram o meu olhar sobre determinadas dinâmicas no campus universitário na qual trabalho, entre elas, o fato de, tanto estudantes e professores universitários quanto trabalhadores de algumas indústrias de lá, exercerem diante da sociedade provinciana local o papel de alteridades sociais. O que coloca em insegurança cultural a própria noção de hegemonia insuflada há décadas pelas famílias mais influentes da cidade, pioneiras e de tradição agropecuária.

Naquela época, vale ressaltar que o termo folkcomunicação era praticamente desconhecido. E esta conclusão se deu graças a um primeiro levantamento bibliográfico, desenvolvido entre o final de 2012 e início de 2013, quando foi constatado que:

Após uma breve consulta entre trabalhos monográficos concluídos e inúmeras publicações científicas já feitas no curso de jornalismo, desde o ano de 2006 (ano da criação do curso de jornalismo no campus universitário de Alto Araguaia), foi verificado que as referências de autores, de abordagens metodológicas e de títulos, gêneros e formatos relacionados, enfim; eram praticamente nulas para considerar a folkcomunicação uma teoria genuinamente brasileira, em face do predomínio latente de autores estrangeiros.

(SILVA apud SARDINHA; SILVA; MORALIS; 2013, p.72)

Passados seis anos, os resultados destas incursões etnográficas logo se fizeram notar em ensaios fotográficos em ambientes esquecidos e criminalizados no imaginário social local de Alto Araguaia, tais como: aterros sanitários, cemitério e galpões abandonados. Entre os projetos editoriais, merece destaque o da revista *Mixtura* (2014), a primeira em Mato Grosso voltada para gastronomia popular, da qual obteve distribuição no estado e em diversos estados do Brasil; e o da revista *Nômades do Araguaia*, uma publicação customizada voltada para os viajantes da rodovia federal BR 364 (caminhoneiros, comerciantes ambulantes e estudantes universitários), cujo lançamento foi realizado durante o último Simpósio de Jornalismo, no mês de setembro de 2015, no campus local. Além disso, houve muita incursão com estudantes em bordeis, casas de jogos, rinhas de galo e centros de umbanda, além de bocas-de-fumo e shows de forró; bem como monografias sobre a sociabilidade e a comunicação popular de feirantes, e sobre a subjetividade nas redes sociais de garis, mototaxistas e vendedor ambulante.

Em certa medida, estas experiências etnográficas em Alto Araguaia propiciaram o registro de cartografias informais e subterrâneas de sociabilidade, ao revelar alteridades e cenários disjuntivos de integração cultural cuja materialidade simbólica sempre foram, historicamente falando, negligenciada da narrativa social predominante, de perfil oligárquico rural. Na maioria dos casos havia o confronto de percepções de realidade de um contingente

de jovens universitários, advindos de diversas localidades do Brasil, e com uma visão cosmopolita de mundo, com uma multidão de gente, da classe media baixa, oriunda da região, mas que nem por isso deixa de ser itinerante, nômade. Contudo, diferente do enredo sublinhado pelo filme Cinema, Aspirinas e Urubus (2004), do diretor Marcelo Gomes, quando a figura do imigrante potencializa favos de esperança para o morador local, o que se constata nestas interações, grosso modo, são atualizações de ambos os lados no que tange o repertório musical, gastronômico e, sobretudo, sociolinguístico. Afinal, não demorou muito para que das primeiras incursões tanto de estudantes universitários de Jornalismo quanto de alguns frequentadores destes lugares populares já expusessem uma gama de novas expressões e gírias, enquanto símbolos de uma apropriação e reapropriação de termos caracterizados pelo culto quase ecumênico do naturalismo misógino, isto é, de um palavreado de conotação machista.

Entre as palavras identificadas, “potranca”, “danada”, “cabra safado” se destacam enquanto sinônimas de uma produção subjetiva eminentemente rural, bucólica, e que, não por acaso, reafirma a tradição oral como traço característico das comunicações interpessoais não somente dos moradores estabelecidos, mas também dos recém-chegados, seja trabalhadores nordestinos das empresas, nacionais e multinacionais, situadas nas imediações de Alto Araguaia, seja estudantes universitários do interior de Mato Grosso e de outros estados circunvizinhos.

Contudo, foi na observação in loco dos modos de articulação, interlocução e mediação simbólica de personagens como feirantes e cantores de forró que sinalizamos, a priori, para uma compreensão mais profunda da natureza ontogênica dos processos de reafirmação das identidades locais ante a interferência oximorosa dos fluxos midiáticos globais. Enquanto, por outro lado, a partir dela introduziu-se o ideário da escola de Chicago (1920-1940), em seu estudo pioneiro acerca da delinquência social: potencializando, para mais ou para menos, a incursão de campo como interface metodológica entre os estudos de Comunicação e a ciência da Cultura; e mais especificamente, sublinhando a virtualidade epistemológica da Folkcomunicação na condição de uma Antropologia da Mídia.

Em dados quantitativos, a produção bibliográfica em folkcomunicação do campus universitário de Alto Araguaia abrange: 02 Conferências nacionais da Folkcomunicação (Ilhéus-BA,2010 e Cuiabá-MT,2015), 01 evento da Associação Latinoamericana de Investigadores (ALAIIC) (Montevideo, Uruguai, 2012), 02 eventos do IBERCOM (Santa Cruz

de La Sierra, Bolívia, 2011 e Santiago de Compostela, Espanha, 2013), 02 Congressos do Intercom Nacional (Fortaleza-CE, 2012 e Rio de Janeiro-2015). E publicados nos periódicos da Revista Internacional em Folkcomunicação (RIF), vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, com 4 artigos, e da revista Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS), vinculado ao curso de Jornalismo de Alto Araguaia, com 01 artigo. Em todos os casos, havia uma preocupação em tensionar as problemáticas locais de se viver numa cidade atravessada constantemente por fluxos culturais de diversas partes, com a emergência de um pensamento acadêmico capaz de dar respostas competitivas não somente às demandas incipientes do mercado midiático local, ainda semiprofissionalizado e composto por uma TV afiliada da Record (TV Araguaia) e duas rádios (rádio Aurora e Cidade), mas a fim de dotar de saberes críticos da mídia a população de baixa renda e com pouca instrução, em sua maioria residente nos bairros afastados como a Vila Aeroporto, o Jardim Novo Araguaia e a Gabiroba.

Ao lado do balanço qualitativo destes números de difusão científica, foi-se constatado que a maioria dos entrevistados e atores locais estudados nas pesquisas do campus (num total de 28 entrevistas) participava, não por acaso, da vida política da comunidade, exercendo a função de ativista midiático, que, segundo definição do professor Osvaldo Trigueiro (apud MELO, FERNANDES, 2013, p.852) é aquele que goza de prestígio social e usa desta condição na promoção de intercâmbios culturais e interferindo mais diretamente na mediação de conteúdos “das redes midiáticas para redes de comunicação interpessoais que operam nas práticas da vida cotidiana”. Enquanto, por outro lado, esta maioria prova, por A mais B, a possibilidade de se desenvolver pesquisa empírica, e de viés etnográfico, para além do modelo funcionalista estadunidense de estudos em Comunicação e do conceito de cultura da escola crítica frankfurtiana.

### **Algumas considerações parciais: por um pensamento folkcomunicacional unematiano**

Longe de esgotar o debate proposto, podemos encerrar por agora este texto dizendo que a dialética da colonização em Mato Grosso enquanto interface da Comunicação e Cultura, como foi notada ao longo das discussões traçadas, tende a manifestar-se enquanto sinônima de um projeto de modernização cultural ainda excludente, conservadora e de tradição ibérico-cristã, ao passo de se (re)apresentar, nas condições atuais, como justificativa potente para as contradições existentes em relação: ao ônus de urbanização entre as principais cidades da

região (Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, Sinop e Tangará da Serra); ao perfil socioeconômico de quem acessa à universidade; aos modos de participação e inserção das camadas populares como agentes diretos nos principais circuitos culturais do estado – Cinema, Teatro, Shows musicais, Exposição agropecuária e Festival folclórico – ; e, sobretudo, à percepção ainda hegemônica em relação às culturas tradicionais pelos jovens da classe média, então cada vez mais identificados com as versões midiáticas de prosperidade socioeconômica vindas de mundo afora, senão dizendo de uma cultura de espetáculo essencialmente massiva e anglo-saxônica.

Em se tratando do curso de Jornalismo de Alto Araguaia, que neste ano completa 10 anos de existência, convém relacionar as diretrizes iniciais do projeto pedagógico do curso (MEC, 2005) com o que consideramos basilar na trajetória científica da teoria da Folkcomunicação na pequena cidade (17 mil habitantes, IBGE-2014): a sua virtualidade comunicacional para além da retórica cosmopolita de formação profissional das faculdades das regiões Sudeste e Sul do país, caracterizada pela vinculação da atividade jornalística aos grandes centros urbanos, isto é, uma percepção hegemônica de processo noticioso. Nisso, vale citar um trecho do artigo intitulado “Os desafios de um curso de Jornalismo”, do jornalista Wedencley Alves ([www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br), edição 357, 28/11/005), cujo conteúdo aponta para um perfil de alunos que “não desempenhassem o papel de pura correia de transmissão dos modelos do Centro-Sul urbano, fonte de estereótipos tolos”; e na qual a concepção do curso basear-se-ia “na preocupação de reequilibrar as bases teóricas da comunicação: ciências da linguagem e ciências sociais.”(IDEM)

Ambas as ponderações insinuam-se pertinentes, a título de projeções de trabalho, para expor, por mais que ainda redunde como uma concepção ainda embrionária, a expressão “Pensamento Folkcomunicacional Unematiano”, a fim de sintetizar o rol de práticas emergentes de pesquisa em Comunicação Popular e, principalmente, Folkcomunicação, que foram e são desenvolvidas no curso de Jornalismo de Alto Araguaia, um dos poucos cursos situados em áreas semirurais no Brasil. Dela impinge-se um desejo prodigioso de se institucionalizar uma neovisão de pensamento folkcomunicacional.

### **Referências Bibliográficas**

ALVES, W. O desafio de um curso de Jornalismo. Portal Observatório da Imprensa. Edição 357, 28/11/005. Ver: [www.observatoriodaimprensa.com.br](http://www.observatoriodaimprensa.com.br)

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, E. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

COELHO, F. N. **Memórias cronológicas da capitania de Mato Grosso**. 1. ed. Cuiabá: editora UFMT, 1976.

GOBBI, M. C. **Bibliografia de Folkcomunicação**. In: BELTRÃO, Luiz – Folkcomunicação: teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

GONZÁLEZ, J. A. Más (+) Cultura (s) Ensayos sobre realidades plurales. México, Pensar la Cultura, 1994. GUSHIKEN, Y. Folkcomunicação: interpretação de Luiz Beltrão sobre a modernização brasileira. UNAM (México): Revista Razón y Palabra. 77, 2011.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

GUSHIKEN, Y.; SILVA, L. A. **Folkcomunicação nas relações políticas e sociais na contemporaneidade**. Revista Internacional de Folkcomunicação, v. 01, p. 1-19, 2010.

MADUREIRA, E. **Revivendo Mato Grosso**. Secretaria de Educação de Mato Grosso, 1997.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanesia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MELO, J. M. **Mídia e cultura popular. História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

MELO, J. M.; FERNANDES, G. M. (Orgs.). **Metamorfose da folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

MENDONÇA, R. de. **História da Literatura mato-grossense**. Cáceres: Ed. UNEMAT, 2005.

MENDONÇA, R. de. **História do Jornalismo em Mato Grosso**. 2. ed. Cuiabá:1963

REDE FOLKCOM. Site: [www.redefolkcom.org.br](http://www.redefolkcom.org.br).

Revista Comunicações & Problemas. V.1, n. 1. Março: Recife, 1965.

SCHMIDT, C. (ORG). **Folkcomunicação na Arena Global: avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Doctor, 2006.

SILVA, L. A. **A cartografia dos atravessadores: novos mapas na cidade de Alto Araguaia-MT**. In: VII Seminário de Linguagens. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2010. Acessar em: [www.ufmt.br/servicos/evento](http://www.ufmt.br/servicos/evento).

\_\_\_\_\_. **Entre a sala de aula, a realidade profissional e a sociedade local: uma breve reflexão sobre a experiência de ensino no curso de jornalismo de Alto Araguaia, Mato Grosso**. In: Liana Gottlieb. (Org.). Comunicação em cena. 1ed.São Paulo: Grupo Editorial Scortecci, 2012, v. 1, p. 125-145.

\_\_\_\_\_. **Folkcomunicação e um balanço parcial dos seus estudos no campus universitário de Alto Araguaia**. In: SARDINHA, Antonio Carlos; Silva, Marli Barboza da; MORALIS, Edileusa Gimenes Moralis (orgs). Comunicação e regionalidades. Cáceres: UNEMAT Editora, 2013.

TRIGUEIRO, O. M. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: UFPB, 2007.

ZORAMELLA, S. **Jornal de Mato Grosso: no começo de tudo, a participação popular**. Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. GT História da Mídia Impressa. Florianópolis: Abril, 2004.

<sup>i</sup> De acordo com o historiador Felipe Nogueira Coelho (1976), este Tratado de Tordesilhas foi ratificado pela Espanha a 2 de julho e por Portugal a 5 de setembro de 1494, e demarcava o meridiano 370 léguas a oeste da ilha de Santo Antão, no arquipélago de [Cabo Verde](#). Esta linha estava situada a meio caminho entre estas ilhas (então portuguesas) e as ilhas das [Caraíbas](#) descobertas por Colombo.